

CONFERÊNCIA

PEDAGOGIA DA HISTÓRIA (*).

Muito tenho a agradecer ao Instituto de Educação e a seu Diretor a oportunidade que me deram, nesta noite, de vos falar de um assunto que me é tão caro e de vos entreter, em suma, de um trabalho em que há perto de quinze anos se absorveu o melhor de minha existência: o ensino da história.

Tenho lecionado em lugares diversos e freqüentemente precisei enfrentar o problema pedagógico, ou melhor, o obstáculo pedagógico, sempre diferente e sempre o mesmo, problema que na essência se resume na necessidade de tomar o pensamento em seu estado original para o comunicar, o tornar sensível, a quem vos ouve, com maior ou menor atenção. O problema não é peculiar à história, mas se apresenta, talvez, com maior importância no domínio de nossa disciplina. Não desejaria e, demais, não poderia, nesta conferência vô-lo expor nas minúcias com que o vejo e o compreendo. Escasso seria o tempo, ainda mais que, na série de conferências que hoje se inaugura, não se trata, para meus colegas como para mim mesmo, de vos oferecer lições de apresentação, mas antes de encerramento, em que se possam inferir conclusões, sempre que o assunto o permita e dentro, ainda, do limite de nossas forças e de nossa inteira vontade...

Desde que devemos apressar o passo, para atingir o essencial, deixemos de parte, se assim permitirdes, certas velhas discussões, sempre abertas, em que correríamos risco de nos perder, sem interesse. Não cairei, assim, no ridículo de defender perante vós a utilidade do ensino de história, o que seria, por vias travessas, abordar o problema de interesse geral da utilidade da história. Por certo que a história é útil e também o é seu ensino, pela própria forma com que ela se oferece, como uma especulação lícita e valiosa do espírito, em que também há utilidades de ordem intelectual.

(*) . — Conferência pronunciada em setembro de 1936 no Instituto de Educação em colaboração com a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo e publicada nos *Archivos do Instituto de Educação*, Ano II, n.º 2, pp. 225-240. Por ser de grande atualidade, tomamos a liberdade de imprimi-la de novo, visando principalmente os nossos alunos. (E. Simões de Paula).

Esquivo-me, ainda, de vos recomendar essa imparcialidade em que insistem mil vêzes, como indispensável à nossa profissão e ao nosso ensino. Desde logo desagrada-me o termo: ser imparcial, em sentido restrito, é não tomar partido. Ora, é preciso que tomeis partido, em meio das dificuldades e controvérsias que são próprias do ofício, como também é mister que aceiteis vossas responsabilidades com vigor e mesmo com alegria. Na verdade o que vos pedem, em nome da imparcialidade, é não tomar partido antes do conhecimento e do exame dos fatos, para vos decidirdes com inteira probidade, com tôda lealdade. Direis, então: “Esta conclusão é provisória, frágil por tal motivo, ou, ainda, vejo as coisas assim, mas é possível outro caminho, que aqui está. . .”.

Penetrareis no passado com simpatia e serenidade. Mas, valia a pena vô-lo dizer? Terei o direito de supor, por um instante, que seja necessário vos recomendar a probidade, a serenidade, o escrúpulo, a simpatia para com sêres e coisas do passado, e sem as quais não há professor ou intelectual digno dêste nome?

Outra idéia que devemos abandonar: o ensino de história, ao que afirmam, deveria ter por finalidade a formação do cidadão, de um cidadão ideal, ademais. Mas a história, tal como está, como deve estar uma ciência, e ciência incerta como tôdas as que laboram no domínio social, se mantém fora da moral política como da moral religiosa.

Quando eficaz, a história forma uma certo modo de ver, de julgar, uma certa maneira de ser, tôda intelectual. E é só. Resta saber se essa formação convém a êste ou àquêle pragmatismo político. Seria o mesmo que perguntar se a formação intelectual é elemento indispensável da educação cívica. E' um problema muito sério de que não podeis vos desinteressar, mas que ultrapassa nosso setor. Ali não teríamos só a história em foco e é só dela que desejo vos entreter.

I

Se se quiser apanhar um dos primeiros aspectos da pedagogia da história, o mais importante, imaginai-vos em uma sala de aula. O professor de história ocupa sua cátedra, digamos sua mesa de trabalho, ou, ainda melhor, seu posto de comando. Começa a lição, que, na realidade, é uma viagem longa e difícil, para os aprendizes como para o guia, através do tempo e do espaço. Sejam francos: viagem penosa, que há de exigir atenção, reflexão, esforço, compreensão e, direi ainda, viagem que é, e não podia deixar de ser, tão somente instrutiva. Não é possível instruir-se, disse-o, mais ou menos, Alain, senão pelo constrangimento. Devemos repetir que a viagem histórica é um duro constrangimento. Assemelha-se a

essa viagem aprazível e plena de alegrias, do romance clássico, um romance em que o herói chega em dado momento diante de cenas instrutivas, a colheita ou a vindima, no momento exato em que o ferreiro bate o ferro rubro sobre a bigorna, em que o padeiro leva os pães ao forno... Como esse romance escolar se parece com o verdadeiro romance de aventuras!

Pois, então, que essa viagem instrutiva seja simples e reduzida ao essencial. Deveriam todos os livros de pedagogia consagrar suas primeiras páginas à simplicidade. Em casas, como esta, consagrada toda ela à arte difícil de ensinar, gravem-se máximas por cima de todas as portas, para exaltar a simplicidade. Bem me compreendeis que não se trata dessa simplicidade que mutila a verdade, que denuncia o vácuo e que é um nome de empréstimo para a mediocridade, mas da simplicidade que é clareza, luz da inteligência, e que torna a verdade acessível ao pensamento.

Simplicidade

Para simplificar importa cingir-se às grandes idéias. Mas em meio das grandes idéias impõem-se discerni-las, distingui-las das idéias secundárias. E' preciso, por isso, conhecer admiravelmente, saber plenamente, para simplificar segundo as boas regras.

Operação difícil, indispensável... Minhas lições duram uma hora, o que, na realidade, significa cinquenta ou quarenta e cinco minutos. Será possível nesse lapso de tempo, com a cumplicidade do mais atento, do mais inteligente auditório, assinalar duzentos pormenores cronológicos importantes, com nomes próprios de pessoas ou de lugares, umas vinte observações e, ainda por cima, uma dúzia de idéias gerais, com seu cortejo de idéias vassalas? Bem vêdes que ter de apresentar claramente uma ou duas idéias, de importância média, numa conferência já é muito. A experiência vos provou, sem dúvida, como tenho razão em frisar esta verdade. Não receeis ter de repetir uma idéia importante dez vezes se assim fôr preciso. Nosso auditório necessita familiarizar-se com vossas idéias, medí-las, transformá-las e mesmo, quando conveniente, substituí-las por idéias contrárias, para comentar e digerir vosso ensino, o que exige tempo. Entre nós é velho o preceito que aconselha ao conferencista intercalar em sua exposição *des pensées grises*, pensamentos neutros, que sejam como que um repouso para quem ouve e se esforça por compreender. O melhor a fazer no ensino secundário, sobretudo, para o acomodar às pausas indispensáveis, é repetir o mesmo tema, variando a forma, a disposição dos argumentos e o raciocínio. O ensino é a repetição, a idéia que se quer mergulhar com obstinação e paciência...

Tenho de falar dos primórdios da civilização helênica. Penso, com alguns autores, que a base da civilização grega não é a Grécia clássica, mas o mar Egeu, este setor cheio de ilhas do Mediterrâneo. "A Grécia, direi, então, não é a Grécia, propriamente, mas

Grecia

o mar Egeu, não a Grécia clássica, essa península da península balcânica, mas todo o mar que se estende das praias gregas às da Ásia menor, das costas da Trácia à grande ilha de Creta, ao Sul”.

Mostrarei, a seguir, o mar Egeu, de que farei um esboço, em que se apontarão grandes ilhas, desde as Esporádicas, atiradas ao meio do mar como grãos ao vento, até às Cícladas, dispostas em círculo. Dessas verei, com o auxílio dos viajantes de ontem e de hoje, os canais de água tranqüilas, domesticadas entre as margens das ilhas, dos golfos, as praias, talvez os pântanos calmos, certamente as estradas que escapam para os estreitos e o Ponto Euxino e para o golfo de Corinto, que se alcança além do istmo, que os barcos por vêzes transpõem sob estradas de madeira... Para permitir que o quadro se ajuste à moldura, farei, quando preciso, longos parêntesis.

Direi por exemplo: “A civilização egípcia, vejam vocês, não se compreende sem a conquista do rio pelo homem, sem essa domesticação paciente, minuciosa, que exigiu, para aprisionar e dominar o Nilo, bem mais tempo do que ordinariamente se supõe”. Direi, ainda: “O mesmo se deu com as civilizações mesopotâmicas, cuja base geográfica só se adquiriu no dia em que o homem pôde, depois de lutas seculares, vencer os enormes pantanais dos rios... Assim também para a civilização grega em que o mar Egeu foi a base corpórea. Ora, isto não se verificou quando o mar todo, o grande retângulo foi envolvido, não sob as malhas de um estado coerente, — a política pouco importa — nem quando uma civilização una sôbre êle estendeu suas redes. Na verdade isso só se deu ao se amortecerem os esplendores da civilização cretense, dessa primeira idade de ouro, quando o mundo miceneano, de nível inferior, certamente, abarcou as ilhas, as bordas dos pantanais salgados, os golfos, as chaves e as espias do Egeu... ”

O mundo miceneano, já se observou, sem nunca se explicar satisfatoriamente, tem uma fôrça de expansão, de irradiação, que o mundo cretense desconheceu. E’ que o mar Egeu, então unido, foi conquistado pelo homem da civilização grega... ”.

Dir-me-eis: “Já há alguns minutos que o compreendemos”... Ora poderia perfeitamente retomar a mesma idéia, ainda uma vez, sob outra forma. “A região grega, diria, ao concluir, com todo o seu esplendor, sua beleza clássica, a emoção cheia de ensinamentos que nos prodigaliza, a despeito de tudo isso, é espantosamente pobre. Condena a quem o habita a partir. A Grécia é uma colmeia num eterno enxamear... Ora, essa “diáspora” só se fêz possível pelo mar. O mar, em terras de Grécia, é o caminho da evasão, da aventura, da riqueza, a porta de saída obrigatória — ver o mar para um grego é ver sua pátria. E’ claro, e bem o sabeis, que me refiro, antes de tudo, ao mar Egeu... ”.

*

Fazia eu o elogio da simplicidade. Gostaria de vos dar uma prova do valor da simplicidade que não estivesse totalmente no plano pedagógico. E a encontro, sem esforço, tomando o exemplo do insigne historiador belga Henri Pirenne, o primeiro historiador de língua francesa dos tempos que correm, professor notável, entre todos, por quem não sou o único a votar uma veneração particular. Poder-se-ia afirmar que Pirenne, durante os últimos anos de sua vida, seja ao falar como ao escrever, contentou-se em repetir a mesma idéia luminosa.

“A Idade Média, explicava êle, no Congresso de Oslo, não começou com a invasão dos Bárbaros do século V, que “barbarizaram” o mundo romano em sua região ocidental, mas não a suprimiram, pois que chegaram mesmo a se assimilar ao mundo romano do ocidente. A Idade Média começou com as conquistas islâmicas que deram aos árabes uma porção considerável do mundo mediterrâneo e que lhes entregam, nos séculos VIII e IX, o mar Tirreno, o Mediterrâneo ocidental, para dêle fazerem um lago muçulmano em que, como diz Ibne Khaldoun, os cristãos ficaram impossibilitados de fazer flutuar uma tábua. Segregada do mar a economia ocidental regride, reflui sôbre si mesma, asfixia-se, para se levantar o feudalismo com sua pesada arquitetura...”

Dez, vinte vêzes, Pirenne nos descreveu êsse fechamento do lago e as conseqüências que dêle advieram. Para isso chegava a montar, com vantagem recíproca, para êle e para nós, um mecanismo simples. Começava a falar: tinha-se a impressão de um estalido que se produzia, de uma porta que se aferrolhava. Era Pirenne que explicava o fechamento do Mediterrâneo. Havia chegado a um tal grau de sabedoria, pedagógica e histórica, que lhe bastava dizer sempre a mesma coisa, para encantar o auditório, tanto o grande público como os círculos de eruditos... Há aí evidentemente uma questão de forma e no fundo o problema pedagógico, que para uns se enquadra entre os brinquedos de infância, por não o alcançarem mais alto e com mais amplitude do que merece, um aspecto simplesmente do pensamento que busca sua expressão, a encontra e sabe como comunicá-la: problema tão agudo para quem ensina os primeiros rudimentos da história nas mais longínquas escolas primárias, como para o erudito, que ao escrever trabalhos de fôlego prelecionou para duzentos ou trezentos historiadores dignos dêsse nome, em todo o mundo...

A simplicidade, pensem sempre. Ela vos exige sacrifícios em que tereis de consentir. E' de grande importância que ao ensinar se abra mão de um mundo de pormenores. Uma lição não é um livro e não deve nem pode tudo dizer. E' um convite para pen-

Pirenne



mar med

teranos

(lago muçulmano)

meio

sar, para refletir, uma impressão que se transmite. O professor que ficou preso às suas notas faz uma concorrência desastrosa ao livro. Se êle soubesse quanto teria a ganhar em vigor, em simplicidade, em projeção, se lhe fôsse dado desprender-se do papel a que está escravizado, para pensar diante do auditório em bloco, em massa?

Se há uma pedagogia francesa, sua originalidade está em que a lição em nosso ensino é coisa bem diversa de uma leitura, é um pensamento que se busca, em tertúlia familiar, diante de um auditório que nunca se perde de vista, um pensamento que se busca e por vêzes espontâneamente se encontra. Essa vacilação na expressão do que se tem a dizer e que se tem de criar diante do público, essa volta à explicação já dada, em trabalho interrompido e que se recomeça em sua simplicidade viva, não podeis imaginar como cala na massa dos alunos, e com que dinamismo se impõe!

*

A viagem que é vossa lição não deverá aportar a terras mortas. E' como que uma penetração na vida passada em tôda a sua ebulição. O adolescente que nos ouve tende a preferir o presente a êsse passado de idéias abstratas. Faça-o viver na realidade da história, entre coisas concretas. Por muito que tenteis banir rigorosamente os têrmos abstratos ainda os tereis demais. Não direis a democracia, mas o povo. Não direis o Brasil, mas conforme o caso, os brasileiros, o govêrno brasileiro. Cortai sem piedade as palavras eruditas de que as crianças gostam mas não compreendem. E' nossa missão, talvez, fazer com que entre largamente a vida no tumulto de idéias que provocam o espírito da infância e da juventude. . . A vida das coisas, a vida dos sêres. Insisto na vida das coisas. Todo o acontecimento que tereis para contar tem um lugar no espaço e não se compreende fora de seu ambiente. São as árvores, as rochas, as costas, os rios de um país que trazem de seu passado o mais rico dos testemunhos. Numa época em que uma geografia inteligente nos proporciona os meios para indagar dessas coisas não deixeis de o fazer. Perguntai sempre onde se passaram os fatos que tereis a narrar, fixai-os ao solo. Com isso não perdereis tempo e trabalho.

Imaginai que na Europa, na velha Europa, um historiador proceda a estudos familiares a meu ilustre colega professor Taunay e queira apresentar um esquema das bandeiras, que fizeram o Brasil e lhe deram todo o volume, tôda a espessura de que se construiu o país. Imaginai ainda, graciosamente, que êle se esqueça do cenário brasileiro, de sua imensidão fantástica, da infindável

cortina das selvas, dos rios caudalosos, dos pantanais febris... Terá êle, assim, apresentado a verdadeira imagem dessa luta grandiosa contra a distância, contra o espaço, contra as forças hostis da natureza selvagem? E a vida dos sêres também, isto é, sua imagem viva, a dos sêres coletivos como a dos indivíduos de uma raça especial que se chama de grandes homens?

Aqui o presente vos repete a cada instante, entre vós, em que as coordenadas sociais são tão diferentes das nossas, a mesma observação a se impor: nada de durável se faz sem a cooperação de um grupo social. Há sempre um impulso especial, responsável por tudo, que o historiador deve buscar para compreender. Se o jesuíta pôde criar tanto no Brasil é que êle trouxe consigo a disciplina, as idéias básicas da ordem, sempre fecundas no plano da vida. A êsses grupos e classes, a essas células, consagrai o melhor de vosso tempo e de vossa atenção. Descrevei-os com precisão. Há de acontecer convosco o falardes freqüentemente de assuntos como a revolução de 1848 na Europa, dessa epidemia de revoluções, dessa família de revoluções, que proliferou no Centro da Europa, na Alemanha, na Itália e em França, e que só poupou as extremidades do continente. A revolução alemã ocupa importante lugar nesse grupo. O primeiro papel coube às células vivas, curiosas, atraentes, das Universidades, tôda entregue à alegria de saber. Descreve os prazeres, as distrações dêsses estudantes românticos, a magia do luar, as noitadas nas cervejarias, as tribulações do "calouro". Imaginai, como que num sonho, êsses pequeninos mundos universitários tornando-se os senhores da Alemanha. Sim, como se amanhã ficássemos nós os senhores do Brasil... Pobre Brasil, diríeis. Pois, então, pobre Alemanha. Enquanto seus universitários, seus sonhadores, seus idealistas, divagam, na embriaguez dos discursos, ou ainda melhor, sustentam teses de doutorado, no Parlamento de Frankfort, a roda da fortuna gira com rapidez e brutalidade e o poder lhes escapa. O futuro responderá a seus sonhos futuramente e os transformará.

Disciplina
(jesuitas)

Apresente, ainda, os grandes homens do passado, sem receio de cair, como se costuma dizer, nas imagens de Épinal. Há um problema difícil para o historiador na questão dos grandes homens. Não falta quem aponte a decadência do grande homem nos últimos anos. Como os historiadores raramente são homens eminentes e a êles tocando a tarefa de os julgar e mesmo de os criar, pela tendência com que se empresta aos outros a própria estatura, verifica-se uma obscura mas perpétua erosão do grande homem.

gdes Homens

Dizem-nos que há um mecanismo, mesmo nas menores sociedades, que nos fabrica o grande homem. Se o acaso vos lançar nessa engrenagem automática, quando menos pensardes estareis no cimo da sociedade, de onde os homens se afiguram pequeninos

e onde tomareis atitudes de estatura colossal. Sacrificando a idéia bem francesa da justa medida, aceitemos que os grandes homens, os super-homens, os portadores de torchas, são produzidos pela sociedade, mas que freqüentemente calam sôbre ela, a amoldam ou a deformam com suas mãos fortes, que, por vêzes, nem sempre, são mãos de cegos.

Há entre os grandes homens os que o são só na aparência, mas há também, creio eu, os que o são na realidade dos fatos. Entre êle tôda uma escala de diferenças de estatura, cumprindo julgá-los pelas suas obras, ainda os mais pequenos dentre vós. Penso que seria para deplorar banir o grande homem das nossas palestras escolares. Neles encontro ensinamentos de tamanho valor! Por êles o despertar da inteligência toma consciência do que há além do caso individual, do humano, do social. Ao lado dos grandes homens que magníficas janelas abertas para as profundidades da vida!

Mas, não é isso o que precisamente desejaria vos expor neste momento. O problema, que formulava e de que me afastei por instantes, consiste em vos dizer como convém fazer reviver os grandes personagens, ou pelo menos, sua sombra. Aí é o caso em que cada um tem sua maneira peculiar. Conheci um raro professor de história que se empenhava em resolver essa dificuldade pela arte do diálogo. Tinha um jeito todo seu de contar: “Colbert diz a Luís XIV...”, “Mas, Majestade, observava Colbert...”. Com isso o diálogo por si mesmo tomava um alto grau de comicidade... Não vos recomendaria, naturalmente, tal método de carpintaria de palco.

Conheci outro, que precisei suportar e que tereis encontrado freqüentemente nas vidas novelescas. O autor? Um esplêndido professor. Tinha uma maneira tôda sua de fazer reviver os grandes homens, reis, príncipes, dignitários da Igreja, proletários ou cortesãos, de fitas e escarpins escarlates... Era como se a gente os tocasse com os dedos. Era tão convincente quanto fascinante. Contudo sob a aparência dêsses triunfos havia um mecanismo tão simples que, ao se revelar, tôda a ilusão se desfazia. E' que o professor em questão infundia às suas sombras um pouco de sua própria vida, de seus pensamentos, de sua experiência, e, assim, conforme o caso, tomava o que nele havia de Luís XIV, de dominador, ou de metafísico, ou de revoltado...

Houve um ano em que êle chegou a ser o próprio Henrique IV. Havia passado por duras provas no tempo que arrastava suas púrpuras rasgadas, uma corôa de papelão, quando nem sempre tinha o que comer e se arriscava a terminar numa vala ao saltar os muros de uma cidade, tôda a sua picaresca carreira. Veio depois o rei do país sitiado, descobrindo seu chapéu de plumas quan-

do recebia seus gentishomens, “dilatando os corações”, presidindo seu conselho de ministros ou cavalgando como ao tempo em que era comandante do exército.

Esse universitário, cuja caricatura peço perdão de traçar, era dos que adquirem uma honrosa corpulência por uma vida metódica e sedentária. Bom homem, que também “dilatava os corações”, segundo a fórmula de Saint Simon. Henrique IV era um tipo rústico e agreste. Tinha-se a impressão, ao ouvi-lo, que sob suas mãos a sombra que êle nos apresentava enfunava sob o ventre... Muito exagero ao vos expor esta prática pedagógica. Mas é grande o perigo em ocultar nesse setor frágil da psicologia e da existência dos grandes homens fragmentos da vossa, sem que se perceba. Talvez andasse mal em me deixar arrastar no debuxo dessas duas caricaturas.

Para me punir vos direi qual o meu método próprio. Podeis rir dele mais tarde, o que será justo. Mas estou bastante satisfeito com êsse método, embora raramente o empregue, desde que meus estudos e meus gostos pessoais nem sempre tendem exatamente nessa direção. Meu método atribui uma parte importante à colaboração do auditório. Sob êsse ponto de vista há bons e maus públicos, o que quer dizer que, conforme as circunstâncias, meu grande homem poderá vencer ou falhar.

Conto, com efeito, ao apresentar o personagem, que quem me ouça busque em sua vida, em suas recordações, essas coincidências, êsses ecos, que são o sinal da reflexão, da inteligência, da cumplicidade com quem se fala. Espero essa escalada de imagens para dar um sôpro de vida ao personagem que tento mostrar, e abandoná-lo a quem me ouve, como um ser que irá viver fora de mim, entre o público e eu.

Podereis me compreender melhor daqui a um instante. Narro tão sumariamente quanto possível a vida do grande homem: nasceu em tal lugar, em tal dia, estudou... etc. Mas, de quando em quando, tento apanhá-lo num breve momento de sua vida, importante, e, se possível, grave, dramático, comovedor. Lanço-o, então, como um pião. Haverá sinal que vos dirão se em vosso auditório, em vossa classe, êsse pião gira ou não. Tereis sempre nas fisionomias, que vos defrontam indícios claros para saber se vossa manobra deu ou não resultado: um sorriso, por vêzes o riso franco, demonstram um auditório que se entrega ao conferencista.

Quando falava um dia do general Lapperine, que conquistou o Sáara para a França, e que morreu em 1921 num acidente de aviação, em pleno deserto, um de meus alunos, bom menino, aliás, ao me ouvir pilotava lá no seu banco um avião imaginário... O meu pião girava e roncava... E' preciso às vêzes lançá-lo duas

Método próprio

*colaboração
auditório*

- pião ...

ou três vêzes, pois que há um prazer para quem o atira em vê-lo girar cada vez mais fortemente.

Imaginal que eu vos deva entreter com Napoleão III, oh! aqui está um, sem dúvida, que é apenas um semi-grande homem! Há dez minutos que já vos falava de sua vida. Mas, rapidamente, das Tulherias a Arenenberg na Suíça, a Augsburgo, depois da Itália, a seguir em Estrasburgo, sua passagem pela baía do Rio, e, enfim, em Nova York. Vou tentar, agora, lançar o personagem. "Em 1837 está em Nova York, onde vem a saber que sua mãe, a rainha Hortência, se acha gravemente enfêrma. E parte. Desembarca a 4 de agôsto em Roterdão. Chega a Arenenberg, onde ela morre no dia 6 de outubro. Era uma mulher que havia amado com paixão o filho que voltara do outro lado do mundo para a assistir no momento de sua morte. Havia-o educado com ternura, com firmeza, como o sabem fazer tantas mães francesas. Sem ela não seria êle o que é, corajoso, leal, e o que depois não será. Sem a rainha Hortência não se compreenderia Napoleão III, como também Luís XIV não teria sido o que foi sem o amor devotado e firme de sua mãe espanhola, Ana d'Austria. . .

Ora, essa encantadora rainha Hortência teve um penoso passado sentimental. O duque de Morny é parente de Napoleão e êste mesmo não revela em sua fisionomia nada de particularmente napoleônico. A calúnia apoderou-se dessas minúcias em que irá mais tarde odiosamente especular. Entre os parentes do grande Napoleão não deixa de ser curioso, paradoxal, que o único que tivesse a coragem de o ser, para aceitar a herança, seja aquêle a quem faltam a fisionomia, como os traços napoleônicos? . . . A rainha Hortência havia deixado tôdas suas cartas de outrora, quando era bela e jovem, o que quer dizer, de ontem ainda, pois que renunciara à sociedade prematuramente, aos cinqüenta anos. Ignoro se podeis sentir todo o drama dêsse instante, para êsse filho carinhoso, com tais papéis nas mãos. Terieis feito como êle: quemado tudo. Foi justamente o que fêz, mas, insisto em dizer-vos, é o gesto de um homem de bem. Passaria, depois, a enumerar, por uma forma incolor, os anos que seguem. Tentaria, talvez, mostrá-lo preso no forte de Ham, por entré a neblina das várzeas de Picardia, prisioneiro político do rei Luís Filipe.

Podereis objeter que assim crio a ilusão da vida, por um processo possivelmente enganoso. Sim e não. Atentai a que vos ofereço, fora de meu julgamento e na medida do possível, bem entendido, o espetáculo de uma vida que sois livres de julgar como bem vos parecer. Demais, é menos o homem que a obra o que pretendo vos apresentar e é nela que insistirei.

Apresentarei Bismarck como um autêntico grande homem, um forte. Vê-lo-eis num momento grave de sua existência, inten-

cionalmente escolhido porque serviu a um de nossos filósofos para fundamentar seu ensaio de demolição dos grandes homens, o dia 3 de julho de 1866, no campo de batalha de Sadowa — que os alemães chamam de Koeniggraetz — batalha terrível, golpe de machado decisivo num carvalho: a casa da Áustria. Bismarck quis essa guerra, chegou mesmo a impô-la. O homem não é desses que acompanham a guerra, quando a quiseram, de seu gabinete de trabalho. Vai assistir à batalha, a cavalo. Ora, a batalha começou por um desastre, visto um dos dois exércitos prussianos ter faltado ao encontro, devido a um atraso. Ao que nos contam, Bismarck fumava um charuto. Se aquêles homens se batem e morrem, é por sua causa. Ah! êle não sobreviverá à derrota. Quando o charuto que fuma se extinguir, achará lugar num pelotão que der a carga e não voltará mais. Na verdade, tudo aquilo será por sua causa? Tentemos um instante assinalar o papel, que me parece exato, daquele que irá forjar a Alemanha moderna. Se êle lá está, diz o filósofo em questão, é que já há séculos milhões de almas batem suas canecas de cerveja sonhando com a pátria alemã unida. Se está lá é porque sôbre a Alemanha flutuam sonhos incontáveis de unidade... E a observação me parece justa. Mas, dentre os sonhos que o impelem a agir, Bismarck escolheu o seu, o de sua raça, de sua família e foi êste o que realizou um tanto em detrimento de outros. Há várias Alemanhas como há vários Brasis e várias Françaes também. Três Alemanhas, talvez, ou, no mínimo, duas. A Alemanha da grande planície do Norte, com suas ruas fluviais, suas costas, seus enormes areais e alagadiços, lá onde se desenrolou a cruzada secular que criou as fronteiras alemãs, em prejuízo das terras eslavas. A essa Alemanha que ficou protestante, opõe-se a outra, que se apoia no Reno e no Danúbio, impregnada de latinidade e que se manteve fiel a Roma, a Alemanha católica. Bismarck não se apoiou na outra, dando a primazia ao país dos areais e dos pinheirais?

Notai que é apenas uma opinião, mas desta vez me comprometo e discuto a fundo, porque tenho a impressão que se toca, como dizia meu mestre Émile Bourgeois, "o ponto essencial do problema". Há de vos ocorrer, talvez, um pouco do que sucedeu com Albert Thibaudet, professor de história, antes de se tornar o nosso primeiro crítico literário, quando professava no liceu de Besançon. Os alunos lhe pediram que contasse de novo a vida de Mazario, que já lhes tinha narrado na véspera e teve de recomê-la, para grande alegria dos ouvintes.

Um último conselho a vos dar, embora receie que vos pareça mais do que simples, ingênuo. Penso que o professor não deve suprimir da história que conta seu interesse dramático, e que deve ser sempre interessante. Esta segunda fórmula traduz exatamente meu pensamento. Reconheço-a como excessivamente simples e já tentei substituí-la por outra. Ingênua, mas verdadeira.

Há tantos professôres de história que porfiam em tirar todo o interesse do seu ensino e que o conseguem! Está bem visto que de nossa ponte de comando teremos de proporcionar o espetáculo do passado: comédia, burleta ou tragédia, conforme a ocasião.

Não se deve montar a peça deixando-lhe todos os fios que a sustentam. “Meninos, dirá o professor conquistador do interesse, acabo de vos apresentar Cinderela. Não tenham receio, ela há de se casar, pelas belas qualidades que possui e há de se casar com um príncipe, por estas cinco razões especiais: 1.º, 2.º...”. Por caridade, não matem a história, não destruam a inquietação, a incerteza, o interesse de quem vos ouve.

Uma observação, talvez vulgar, me bastará para esclarecer o assunto. O professor de história “desatualiza” a história. Embora o termo não seja francês creio que traduz bem o meu pensamento. Vêde que vivemos em uma época cheia de inquietações. Vossas conversações como as minhas têm essa mesma ressonância. E tôdas as manhãs o jornal deslizando à porta de casa como um torpedo. Em tôrno de nós gira o tempo como um fragor que nunca teve. Ora, no fundo, o que nos angustia, a despeito da clareza meridiana de certos problemas, e dos cálculos justos de nossos espíritos, das palavras históricas com que se concluem nossas observações, mas que ninguém quer aceitar, é que, apesar de tudo, o futuro nos parece de todo unido e visível. Vemo-lo projetar-se no presente, não em faixas luminosas, mas em enormes manchas de sombra. Sombras de montanhas que ainda se vêem e para as quais sentimos que nos encaminhamos.

E dizer-se que dentro de cinqüenta ou cem anos um historiador irá se aventurar a apresentar o ano de 1936 como uma imagem nítida e limpa, “Cinderela tinha de se casar, meninos...”. Tenho para mim que eliminar essas sombras de incerteza e de dúvida das paisagem histórica é “desatualizá-la”.

Melhor me compreenderíeis, com um exemplo clássico. Essa campanha da Rússia de 1812, lance atraente para se ministrar, pelo cenário, com a planície russa, a neve, o frio e os personagens, o Imperador, a *Grande Armée*.

Conheci há muitos anos, antes da guerra, um professor primário, encantador, numa aldeiazinha dos arredores de Paris, do vale do Oise, que contava essa campanha da Rússia para nós, crianças, de uma forma inesquecível.

Um assunto, enfim, para grandes emoções, e que parece estar ao alcance de todos. Experimentai dizer, simplesmente, ao começar: “Tenho que lhes contar hoje as peripécias da campanha da Rússia de 1812, as condições em que o Imperador assiste à queda de sua boa estrêla. Uma loucura de megalômano o impele a agir no imenso teatro russo que êle desconhece. Passaria, ainda, que fôsse fazer a guerra em tôrno da França, em campos de batalha que lhes são familiares, a Itália, o Danúbio, o Elba...”.

Como pretende que o público escolar se interesse pela continuação da história? Deixa-se de mostrar o jôgo para só se contar o fim da partida, que se discute a seu modo. Certo, não é assim que se deve proceder. A realidade histórica se estende pelo tempo, que é sua própria substância. Quando tiverdes de contar, e é preciso saber contar em nosso ofício, segui o declive do tempo, dai a impressão dessa mudança, que embarça as linhas dos fatos, deforma os sêres, as sociedades, e marca o ritmo das gerações. Seria mister que pudéssemos falar horas a fio dêsse curso movediço das causas, restituir-lhes a fluidez e a vibração.

Mais um conselho, que ainda não será o último. Experimentai descrever a mentalidade de um contemporâneo. Automaticamente, povoareis o ambiente de sombras movediças em transformação, indícios que materializam a marcha do tempo. Para contar 1812 procurai ser Davout, sem o dizer, ou antes, desde que Davout é demasiado clarividente, procurai ser Murat, ou um e outro.

“Em 1812, direis ao começar, Napoleão está a pique de realizar seu grande sonho, êsse ideal do Império Romano cuja memória o atormenta, êsses Estados Unidos da Europa, de que falará mais tarde a Las Casas, na ilha de Santa Helena. Impelir para longe de Europa, longe de Mediterrâneo, a barbárie russa. Tal a emprêsa que se propõe. Tarefa imensa, certamente, pois a *Grande Armée* tornou-se o exército das Nações, cada vez mais pesado e atrás do qual as linhas de abastecimento se chocam e se partem como fios fragílimos. Contudo, êsse exército da Europa organiza-se e, sob a direção de Napoleão, põe-se em movimento rumo da Rússia e da Ásia, atravessando o Niemen. O Imperador bem conhece a imensidão para a qual arrasta essa massa de homens, numa invasão coerente, ritmada pelos tambores e pelos clarins. Não esqueçamos que êle já havia passado o inverno de 1806 a 1807, de Eylau a Friedland, na Polônia. Foi mesmo nessa estação, no inverno de Maria Walenska, que a máquina sobrehumana do cérebro napoleônico pareceu ter sucumbido sob o esforço tremendo por que passou. A Polônia, do ponto de vista humano, não é a Rússia, mas chega a ser fisicamente uma imagem aproximada, com suas florestas, planícies e pantanais. Quem transpõe o Rio Grande, em face do Triângulo Mineiro, experimenta a sensa-

ção física de haver deixado a terra paulista? De qualquer modo, o impulso napoleônico rompe a fraca cortina das tropas russas. Recúo estratégico, dir-se-á mais tarde... Mas, na verdade, os primeiros estalidos da derrocada...”.

Valerá a pena continuar? Napoleão caminha para o seu destino como nós em meio de sombras. Quis o destino que não pudesse se utilizar da velha guarda em Moscou para acabar de esmagar o inimigo detido às portas da Capital. Foi o incêndio súbito de Moscou... O Imperador calculava descansar na cidade, como um navio preso entre os gelos. O destino foi justamente o inverno que chegou antecipadamente, terrivelmente mais áspero, que de costume, o inverno que, mais do que os cossacos, pôs a *Grande Armée* em retirada, priva-a de seus cavalos, dêses cavalinhos das Torennes, para os quais o Imperador não encontrará substitutos. Não quero, porém, me deixar levar pela tentação de recontar uma história que sabeis tão bem quanto eu.

II

Deixemos essa sala de aula em que passamos tanto tempo. Sigamos êsse professor brasileiro imaginário, que demos como exemplo, como colaborador e guia, enfim, um nosso colega comum. Acompanhem-lo em sua biblioteca, sua praça de armas, onde passa suas melhores horas intelectuais a aprender por si mesmo. Lá êle experimenta essa alegria rara: cortar as páginas do último livro que chega... Lá é que lê dias a fio. Ensinamos por hábito, mesmo por vício. Lê-se, como se fuma, por uma espécie de necessidade mecânica e, entre nossos alunos, somos sempre um dêles, o melhor dêles, o mais atento.

Mas, nessa partida, sem a qual não é possível a vida de professor, nosso colega toma lugar entre os historiadores que não são professôres de história, se bem que hoje a maior parte pertença à nossa corporação. Nesse mundo da ciência, como no teatro, bem que há categorias de posições. Porque, enfim, por modesto que seja nosso gôsto, êle nos classifica, nos distingue, nos arregimenta. Nosso colega tem assim, por uma gentileza que lhe atribuo, as mesmas preferências que as minhas, o que nos situa no mesmo grau.

Para êle, o que conta são as realizações econômicas e sociais. Quando instrui um amigo em sua biblioteca, compraz-se em lhe explicar o papel da moeda divisionária na vida dos pobres, para os quais ela criou, por longo tempo, o ambiente econômico. Tem êle suas idéias bem fixas sôbre o duelo entre os Capetíngios e os Plantagenetas, no que se refere à Normandia. O Capetíngio supõe fortalecer seu tesouro refundindo, isto é, deformando a moeda, e que grandemente perturba a vida cotidiana de seus vassalos... O rei

da Inglaterra — os ingleses da Idade Média tinham as mesmas idéias que hoje — mantêm em circulação uma moeda forte, e, assim, é ao impôsto que recorre para alimentar o erário. Quem nos diz que o Normando não preferia ser roubado sem perceber, pela fraude monetária a sofrer uma *razzia* pela via do impôsto? Foi a política monetária do Plantageneta que o fêz perder a Normandia inglesa, concluirá êle, muito às pressas, talvez.

Não toqueis na sociologia. Não gosta muito do térmo, mas faz sociologia sem cessar e não se poderia lhe falar das sociedades sem o induzir a conferências. Seria o mesmo que se falasse de sellos do correio a um colecionador, ou de vinhos ao proprietário de uma adega carinhosamente fornida como uma biblioteca.

Há em suas fichas, sociedades de todos os meios e de tôdas as épocas. Quereis uma sociedade dura, coerente, de arcabouço rígido? Vejamos sua ficha sôbre a sociedade francesa, sociedade de estabilidade secular, de camponeses produtores de trigo e de vinhos, de burgueses prudentes... Sociedade que se move num só bloco, mas que, a cada instante, corrige sua marcha para conservar o equilíbrio. Sociedade, enfim, conservadora, cheia de reservas e de prudência. A revolução de 1848 a surpreende: uma revolução política da “esquerda” e, ainda mais, uma revolução social. Por instinto de conservação tôda a sociedade se atira sôbre a direita, movimento que a arrasta, certamente, mais longe do que desejava, pois que vai encontrar, além da ordem restabelecida, a ditadura, o Império e suas aventuras... Que pessoa, essa sociedade francesa, no fundo tão razoável! Para se adaptar às circunstâncias, às necessidades da hora, ela pode avançar um passo, mas não tardará, espera um pouco, que ela avance o outro...

Esse nosso colega tem em suas fichas sociedades de todos os tipos, de tôdas as idades, sociedades em decomposição, sociedades reformadas, sociedades dinamitadas, embora a expressão seja frequentemente anacrônica. Tipo de sociedade dinamitada é a Inglaterra de 1850. E' a velha Inglaterra verde, da *gentry*, dos fazendeiros de rosto rubicundo, dos herdeiros de famílias abastadas, já há veículos, dos *gentlemen farmers*, que têm o primeiro banco na Igreja, formam os Comuns e os Lords, sob sua direção, e vendem seu trigo tão caro quanto possível, dêsses fidalgos tão queridos de Ruskin, socialista feudal, único em seu gênero. Essa velha Inglaterra não é atingida por uma revolução ideológica à francesa, uma dessas revoluções mais ruidosas que nocivas, mas por uma crise econômica, uma crise de prosperidade, que submerge o país e o inunda sob o péso desse luxo da meia idade vitoriana que não pôde encontrar defensor.

Esse enriquecimento aproveita novas classes, a novos países e começa a surgir a Inglaterra preta, com um horror de sonho, de

pesadêlo, desenvolvendo sua força de eficiência, com o tremendo cortêjo de misério e feiura, como o que nasceu com o impulso “americano” de que todo o mundo se ressentiu. A sociedade inglêsa foi sacudida e dilacerada até às mais fundas raízes.

Passemos uma leitura também em suas fichas sociológicas e históricas sôbre o Brasil. Uma velha sociedade entre 1880-1890, coerente em tôda a sua estrutura e de uma índole tôda peculiar, mas a ponto de se dissolver. Quando pelo Atlântico Sul a vela é substituída pelo vapor, a emigração européia bombardeia a velha sociedade colonial como êsses átomos destruidores com que podem os físicos bombardear a matéria e a esmagar. Sob a pressão dessa ofensiva a velha sociedade cede, alarga suas malhas, adquire fantástica fluidez, salva a língua, a religião, o essencial e aceita a alternativa de se curvar sôbre o machado, nessa luta contra a vasta e selvagem natureza brasileira, que é preciso vencer, na floresta, nos alagadiços, na distância. Mas amanhã ela se solidificará, engrandecida de novo, coerente, renunciando a cristalização pelo aparecimento, em meio da massa líquida, de cristais já formados, cada dia mais numerosos. . .

Haveis de me perdoar esta tagarelice, êste longo parêntese, cuja responsabilidade não cabe realmente ao imaginário colega.

Recorro ao exemplo para esclarecer minha explicação que me parece de grande importância. Da atividade histórica à atividade didática, passa-se como de um curso de água a outro curso, o que é um bem; uma necessidade, mas, prestai atenção: vossa tarefa pedagógica não se deve orientar por vossas preferências científicas. Insisto em dizê-lo. Faltaria o nosso colega a todos os deveres se só falasse a seus alunos de sociedades, de cheques, de preços do trigo. A essência histórica transpôs lentamente diversas fases: foi a crônica do príncipe, a história de batalhas, o espêlho de fatos políticos, mas hoje, pelo esforço de denodados pioneiros, ela mergulha nas realidades econômica e sociais do passado. São tais etapas como os degraus de uma escada que conduz à verdade. Não sacrifiqueis nenhum degrau quando estiverdes em companhia de estudantes. São perigosas as escadas truncadas.

Gostaria de vos convencer ainda mais. Em França o historiador ao ensinar é também geógrafo.

Tive, assim, de explicar inúmeras vêzes o mecanismo das marés, ajuntando o subtraindo as atrações do sol e da lua. Henri Poincaré chamou a nossa explicação clássica de maré do *baccalauréat* e por deduções científicas demonstrou que essa maré não poderia caçar a maré real. Hoje os cientistas abordam um problema tomando em considerações as atrações que assinaliei, mais explicando o resultado por fenômenos de ressonância. Ora, afirmo que não é por esta última conclusão que uma explicação pedagógica de-

verá começar, mais pela própria maré do *baccalauréat*. E' uma maneira de apreender o problema e de abordar certos elementos. A seguir demonstrarei porque a explicação dada não apreende a realidade e, por último, apresentarei a teoria dos fenômenos de ressonância. Não destruirei a escada. O que me foi fácil estabelecer em relação a êsse exemplo oceanográfico, não seria difícil, com um pouco mais de trabalho, provado com respeito à história.

Para cada assunto tomai sempre a longa escada que o pensamento histórico vem construindo através dos tempos.

Vejamos, pela última vez, Napoleão I. Pode-se bem pedir-lhe mais êsse préstimo, êle é inesgotável. Sob pretexto de que não aprecio a história de batalhas será possível separá-lo do glorioso clamor de suas campanhas? Já o fizeram, como na história de França de Lavisse, sob a alegação superficial de que suas expedições pertenciam mais ao domínio da história européia que à nossa. Imaginai que triste figura a dêsse Napoleão desmoralizado pela história! Leva-lo-ei degrau por degrau, pela minha escada: história do príncipe — fa-lo-ei ressurgir na história das batalhas — lerei alguns boletins da *Grande Armée*; história política; mostrarei como êle sufocou a liberdade, mesmo a de pensamento, como tentou dotar o país de uma administração lógica, por demais dispendiosa para seus recursos. Ainda um luxo e em seguida passarei às realidades econômicas e sociais que me são caras. Um historiador que pouco cheguei a conhecer gostava de dizer: "Ainda bem que Waterloo foi uma vitória inglêsa. O êxito de Napoleão era o fruto de uma técnica inferior. Seus soldados eram de uma raça de camponeses, a França um país quase totalmente absorvido pela vida rural. A Inglaterra, entretanto, já havia iniciado seu impulso industrial.

Observai que a artilharia inglêsa já se utiliza de bombas explosivas. . .". Procuremos analisar se apenas tal consideração, bastante discutível, seria suficiente para o ensino nesse capítulo napoleônico. Não nos deixemos arrastar em nosso ensino por essa força que nos leva, no domínio da investigação histórica, em direção aos limites extremos do combate. Procurando ensinar, segundo as mais modernas formas científicas, podeis crer que constantemente obtém-se resultado insuficiente.

III

Não levei a mal êsse conselho de muita precaução. Procuro ser sincero, apenas, eis tudo. A tradição é sempre útil. Constatase, entretanto, que freqüentemente se tem muito trabalho para fazer o que os outros desejariam conseguir. Contudo, como bem sabeis, não é por ali que se começa, e isso por várias razões.

E' possível que tenha sido, do princípio ao fim desta trabalhosa palestra, excessivamente conservador. Bem desejava, ao terminá-la, assumir a atitude de um inovador, senão de um revolucionário.

Há um campo em que desejaria ver muitas demolições, ou pelo menos grandes transformações. Admira-me que não se tenham empregado esforços, no terreno da história, no sentido de se formar uma pedagogia brasileira, pelo menos em relação a alguns de seus aspectos, não só no que se refere à minúcia, como também no que diz respeito ao geral. A minúcia é, sem dúvida uma das coisas mais importantes, porquanto, todos os dias se toca na realidade que elas encerram. Assim sendo, na viagem histórica para a qual conduzis vossos alunos, não podereis esquecer que êles devam levar alguma bagagem. Cortai-lhes as raízes que os prendem aos dias correntes, à sua pátria, a suas estradas, a suas terras vermelhas, a suas cidades que recebem o sufocante noroeste. Cortai-as com as mil minúcias que imaginais, essas insignificâncias pelas quais êles tomam contacto com a vida, e com que realizam sua verdadeira educação cívica: em suma, sua educação.

E' necessário afastá-los da realidade ambiente sempre que ela se oponha à do ambiente que descreveis, e, aproveitá-la, ao contrário, quando ela se apresente semelhante ao passado. Técnica difícil e delicada e que equívale a mostrar o passado do mundo pelas frestas e janelas que o presente e o passado do Brasil vos oferecem. Não se julgue a história do mundo senão através da história de seu país. Porque não conduzir pela imaginação vossos alunos, a quem descreveis o século XIII europeu, à terra virgem onde o homem ainda não terminou sua luta com a floresta, com a terra hostil, em que surgem "cidades novas", geométricas! . . .

Do espetáculo dessa Idade Média moderna, povoada de automóveis, rasgada pelos trilhos e pelas estradas, não é difícil deslizar para a Idade Média clássica, em que o homem dilatou as clareiras das florestas e eliminou os pantanais . . . Em um como em outro caso não há o encôntro, como nos albores da história, do homem e da natureza para êle desconhecida? O homem nesse longo intervalo tornou-se mais forte, o que é tudo, como pormenor de indiscutível importância.

Acredito que seria oportuno, dez vêzes contra uma, ao se falar da Grécia, tecer reflexões dêsse gênero: a Ática é tão pequena que seria impossível situar em uma de suas planícies uma cidade como São Paulo — Mégara que é do tamanho do Instituto de Educação — esta sala cujas dimensões equívalem às de uma praça pública grega, com suas lojas pitorescas, muitas instaladas ao ar livre. A terra grega é assim o contraste exato da terra brasileira, feita da soma dêsses três elementos, o mar, a montanha e o céu, o mar, sombrio, azul ou "escuro como o vinho", o céu limpo e sem nuvens, a

montanha descalvada, nua, esquelética, branca, cinza ou malva. Aqui, ao contrário, a montanha tem seu manto vegetal opulento, o céu é toldado de nuvens, em que o sol habitualmente reflete suas côres espetaculares, e o oceano é de um verde claro ou azul pálido.

Os eupátridas da planície ática, diria sem hesitação, são como os vossos fazendeiros, mas donos de pequenos domínios, de famílias numerosas, de oliveiras, vinhedos e alguns cavalos. . .

Refiro-me num plano geral aos vossos programas de história, que são tão bons como os outros, talvez sobrecarregados um pouco da Europa. Não se poderia, quem sabe, ajustá-los um pouco melhor, em função de uma idéia vasta e absorvente, a que dou grande importância?

Sempre vale a pena elevar-se, dizia um de meus amigos, a uma idéia geral, ainda quando mereça dez horas de trabalho.

O Brasil é uma Europa, no sentido que importa dar a esta velha palavra, por que há pelo mundo cinco ou seis Europas. Se se desprezar a Europa australiana, a da Nova Zelândia, as Europas africanas, há no mínimo três Europas. A velha Europa cujos limites para o Oriente estariam por se fixar. A Europa norte-americana; anglo-saxônica, pela qual nutro grande estima e mesmo admiração, já endurecida, em vias de se cristalizar e a última Europa sul-americana, que é alguma coisa a mais e a menos que a América Latina, a mais e a menos que a América do Sul, a mais e a menos que o Brasil.

Tôda a medula paulista é desta Europa jovem, a mais moça entre tôdas, a mais rica de futuro, também. Empregai aqui vossas economias que não tereis do que vos arrepender.

Ora, essas três Europas, a velha, a moça, a juvenil, tereis visto que estão tôdas com suas costas no Atlântico.

A europeização do Atlântico, eis o grande fato da história moderna, que se fêz realidade mais tangível com os séculos XIX e XX.

Daqui a muito tempo, quando aquilo que hoje é o futuro, estiver resolvido, tiver produzido seus frutos, o que acabo de dizer precede uma verdade tão evidente e tão simples como as especulações escolares sôbre o Mediterrâneo, êsse "rio marítimo".

Bastou dizer, então, o Atlântico êsse "mar oceânico". Por que não atribuir decididamente êsse lugar ao Mediterrâneo moderno que nos une e em que está o destino da nossa tríplice e uma civilização?

O ensino não deve hesitar diante de fórmulas que às vêzes pecam por grandiosidade. E, assim, com um pouquinho de *humour*, permiti que vos peça reservar em vossos programas um lugar ao *mare nostrum* quero dizer, ao Atlântico.

FERNAND BRAUDEL

do Colégio de França e ex-professor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo.

Programa
de História